



UMA MENSAGEM DE TÓQUIO 1995

“Somente aqueles que são capazes de ver o invisível são capazes de fazer o impossível”

Palestra final do colóquio
“Ciência e Cultura: Um caminho comum ao futuro”
Tóquio, 14 de Setembro de 1995

A ciência mecanicista que conheceu seu apogeu no século passado, dedicava-se a separar o observador imparcial do objeto estudado. Desembocava, assim, na concepção de um progresso cego que, por sua vez, favorecia uma visão materialista da civilização. Assim, hoje, podemos discriminar entre duas ideologias rivais: por um lado, uma concepção tecnológica do “progresso” atingida através de uma normalização das civilizações; e por outro lado a preocupação pela preservação das identidades culturais e dos valores pelo respeito da diversidade. Estas idéias baseiam-se na crença, não verificada, da existência de uma incompatibilidade entre “a ciência” e “a cultura e a tradição” que estariam separadas por brecha intransponível.

Na nossa opinião, esta aparente brecha intransponível se deve ao fato de que no curso dos últimos trezentos anos – um décimo milésimo somente da vida da humanidade – a ciência ocidental se afastou das concepções mais holísticas da natureza que vigoraram até então. Esta evolução baseou-se numa visão mecanicista da natureza, despida de toda e qualquer referência a valores que, certamente, conduziu à abundância material e tecnológica mas também a uma especialização e um fechamento crescentes.

Durante o século XX, descobertas empíricas conduziram eminentes cientistas (não se trata de teólogos nem filósofos, mas de homens de ciências) a retornar aos postulados de há três séculos. Esta reviravolta se deve principalmente aos inventores da física quântica que descobriram no universo a existência de uma forma de globalidade que se parecia àquela que intervinha nas concepções de mundo antigamente e depois abandonadas pela ciência.

Reunidos em Tóquio neste mês de setembro de 1995, queremos fazer saber que é chegado o momento de instaurar uma nova era Iluminista, onde os valores humanos universais unirão e guiarão novamente os esforços da humanidade. Neste sentido, as mulheres constituem força fundamental a favor do advento de uma sociedade movida pela preocupação com o ser humano, através de sua participação na criação de uma cultura da paz, na qual cada homem e cada mulher serão donos de seus destinos. Mas esta preocupação não pode se limitar apenas aos seres vivos de hoje. Para dar à Declaração universal dos direitos humanos e à Convenção relativa aos direitos da criança os devidos prolongamentos, e de acordo com a noção de continuidade entre as gerações, pedimos que todos estes direitos sejam estendidos às gerações futuras.

No cerne desta questão Iluminista encontra-se a complementaridade paradoxal da unidade na diversidade. Contrariamente à tolerância, a hostilidade em relação à diferença – étnica, religiosa, racial ou outra – engendra não a unidade, mas o desespero. Os preceitos holísticos resultantes das novas descobertas científicas, associadas à volta honrada de certas concepções tradicionais, poderiam servir de base à instauração de uma paz perpétua.

Esta era Iluminista de que se trata, caracteriza-se, principalmente, de uma nova concepção de unidade na diversidade. Os especialistas em ciências naturais e sociais advogam esta idéia há muito tempo; idéia esta que tomou corpo inicialmente nas artes visuais, onde o todo é mais do que a soma de suas partes, além de ser diferente. De acordo com esta concepção, a associação específica de elementos que constituem o todo dão, em si mesmas, nascimento a novos atributos. Mas os cientistas atualizaram um outro aspecto holístico do universo, totalmente diferente. Este novo “holismo” considera que o todo está contido nos seus componentes e que estes estão repartidos no todo. Nossa mensagem situa-se, portanto, na linha direta dos ensinamentos do budismo Mahayana, que oferece uma visão holística preña do futuro da existência humana no seio da natureza.

Participantes e signatários

- René Berger**, presidente honorário da Associação Internacional dos críticos de arte (Suíça)
Jacques-Yves Cousteau, presidente da Equipe Cousteau (França)
Ubiratan D’Ambrósio, Universidade Estadual de Campinas (Brasil)
Mahdi Elmandjra, Universidade Mohamed V (Marrocos)
Santiago Genoves, Universidade Nacional Autônoma do México (México)
Hayyao Kawai, diretor do Centro Inetrnacional de Pesquisas para Estudos Japoneses (Japão)
Edgar Morin, diretor de pesquisa do Centro de estudos traansdisciplinares (CNRS) (França)
Yûjiro Nakamura, Universidade Meiji (Japão)
Aloyse-Raymond Ndiaye, diretor do Fundo internacional de cooperação universitária em Montreal (Senegal)
Yasunori Nishijima, antigo presidente da Universidade de Kyoto (Japão)
Kenzaburo Oe, ganhador do prêmio Nobel de literatura (Japão)
R.V.Petrov, vice-presidente da Academia de Ciências da Rússia (Rússia)
Karl Pribram, Centro de Pesquisas do Cérebro e Ciências da Informação, Universidade de Radford (Estados Unidos)
Michel Random, filósofo e escritor (França)
Henry Stapp, Laboratório Lawrence Berkeley, Universidade da Califórnia (Estados Unidos)
Mely G. Tan (Sra.) Centro de estudos sociais e culturais, Instituto Indonésiano de Ciências (Indonésia)
Kazuko Tsurumi (Sra.) Universidade Sophia (Japão)
Takuma Yamamoto, Presidente da Federação Nacional das Associações UNESCO do Japão (Japão)